

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA DE 1º E

2º GRAUS

PROFESSOR: ALARCON AGRA DO Ó

ORIENTADOR(A): MARIA DO SOCORRO RANGEL

ALUNA: MARIA JOSÉ DA SILVA

MATRICULA: 931-3461-3

PERÍODO: 1998.2

RELATÓRIO

“Fazer história é uma prática”

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – DHG

Trabalho apresentado por
Maria José da Silva, no Estágio
Supervisionado de Final de
Curso, orientado pela
professora Maria do Socorro
Rangel.

Campina Grande
Abril de 1999



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

ÍNDICE

Agradecimentos.....	4
Introdução.....	6
Capítulo I.....	7
Capítulo II.....	15
Capítulo III.....	21
Considerações Finais.....	28
Referências Bibliográficas.....	30
Anexos.....	34
- Plano de Aula	
- Textos produzidos	
- Mapas / gravuras	
- Alunos que participam das aulas	

MENSAGEM

"Quero fazer a tentativa de alcançar a liberdade, diz de si para si a jovem alma(...)

Ninguém pode construir-te a ponte sobre a qual deverás transpor o rio da vida, ninguém exceto tu próprio(...)

Há no mundo um único caminho que ninguém pode seguir a não ser tu. Onde conduz ele?

Não o perguntes.

Segue-o ...

(Nietzsche)

ORACÃO DE AGRADECIMENTO

Senhor Deus

Obrigado, porque na tua infinita bondade e misericórdia nunca me abandonaste.

Sempre iluminaste o meu caminho, para que eu conseguisse alcançar um dos muitos objetivos da minha vida.

Por isso, tenho pouco a pedir e muito a agradecer.

Obrigado Senhor, pela minha família: mãe, marido e especialmente meus filhos que sempre compartilharam comigo as dificuldades e as alegrias dessa jornada.

Obrigado Senhor, pelos professores que dedicaram seu tempo e sua experiência para que a minha formação fosse também um aprendizado de vida.

Lembrar-me-ei sempre das suas palavras de encorajamento.

Obrigado Senhor, pelos amigos(as) que conquistamos ao longo do curso. Certamente vocês ficarão para sempre no meu coração.

Obrigado Senhor, pelo infinito amor.

Sem ele nada disso existiria.

Maria José

INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado de Prática de Ensino do período 98.2, realizado na Escola Estadual de 1º e 2º graus Ademar Veloso da Silveira. Constituiu-se num receptáculo de: sonhos, esperanças, alegrias, ideais, frustrações, ansiedades, medos e sobretudo realizações de uma prática pedagógica e experiências acumuladas ao longo do curso de licenciatura em História.

Devido a amplitude das experiências, resolvemos fazer um recorte para trabalhar neste relatório. A escolha recaiu sobre uma questão muito discutida na atualidade que é a Idéia de Currículo. Portanto essa idéia serviu de orientação para o presente relatório.

No primeiro capítulo discutimos as propostas de mudanças curriculares no Brasil, tomando como referência a nossa condição de educadores em história.

No segundo capítulo procuramos fazer uma análise da ação docente frente a algumas questões: como ele percebe a presença da disciplina na experiência escolar? Qual o compromisso do currículo com a construção de relações sociais na escola e a partir da escola?

Tendo como referência a discussão geral sobre currículo feita no capítulo anterior e a atuação dos docentes, a partir da experiência de alunos concluintes de uma Licenciatura.

Enquanto que no terceiro capítulo faremos um relato das experiências no Estágio Supervisionado, realizado na Escola Estadual de 1º e 2º graus Ademar Veloso da Silveira. Ressaltando os problemas e as dificuldades. Porém superados através do trabalho em conjunto com os alunos da Prática de Ensino, com o apoio do professor Alarcon Agra e principalmente com a orientadora, professora Socorro Rangel, que possibilitou através de opiniões e sugestões o aprimoramento das aulas e a superação dos medos.

CAPÍTULO I

“Não, não tenho caminho novo. O que tenho de novo é o jeito de caminhar.” (Thiago de Mello)

Atualmente no Brasil, é cada vez mais comum vê na televisão, rádio e jornal anúncios de projetos educacionais em associações, clubes de mães, sindicatos, empresas e igrejas. Todos em busca de novas alternativas para o ensino e, desta forma amenizar a crise que afeta a educação.

O governo também anuncia como prioridade a escolarização as população. Quem de nós já não escutou a lição cantada pelo atleta do século Pelé: “A B C, toda criança vai ler e escrever...”

Freqüentemente os meios de comunicações tem divulgado também, as responsabilidades jurídicas dos pais ou responsáveis para manterem as crianças na escola.

No entanto, não é só o ensino para crianças que está em pauta no Brasil hoje. Parece explodir em todo país salas de alfabetização, supletivos e inúmeros programas que visão inserir jovens e adultos no mundo das “letras”.

Projetos governamentais como: merenda escolar, municipalização das escolas, alfabetização solidária, completam esse quadro somados a projetos alternativos que incluem até pagamento de bolsas para incentivar os alunos e contribuir para que estes continuem estudando.

Enfim, cada vez mais a escola tem sido pensada como lugar privilegiado de mudança. Num país tão desigual como o nosso, marcado pelo estigma do atraso e da dependência, o desafio tem sido criar uma escola promissora e apta para realizar as mudanças.

Nesses empreendimentos, uma questão se impõe para todos os que trabalham com educação: A reavaliação e reformulação dos currículos.

Entre os vários projetos de reformulação curricular, destacamos dois:

1- Projeto do Estado que tem como base os postulados Neoliberal. É um dos mais discutidos já que está ligado ao governo e tem

maior poder de divulgação. Busca as mudanças através da educação técnica que prepara o aluno para o mercado de trabalho. Uma educação que propõe superar o atraso tecnológico bem como os altos índices básico e fundamental.

Nesse projeto a ênfase tem sido a reestruturação dos conteúdos ensinados, sobretudo no que se refere as questões da formação técnica, em que a educação deve estar voltada para os propósitos empresariais, como bem afirma Tadeu da Silva a seguir:

“Nesse projeto a intervenção na educação com vistas a servir aos propósitos empresariais e industriais tem duas dimensões principais. De um lado, é central na reestruturação buscada pelos ideólogos neoliberais atrelar a educação institucionalizada aos objetivos estreitos de preparação para o local de trabalho(...) De outro, é importante como veículo de transmissão das idéias que proclamam as excelências do livre mercado e da livre iniciativa.”

(SILVA, Tomaz Tadeu, 1996, p. 100)

Nessa perspectiva a educação visa a preparação do aluno para o mercado de trabalho numa clara aceitação dos postulados liberais. A intenção é capacitar o trabalhador para as mudanças do mercado mundial nesses tempos de globalização. Por isso, a educação tem um papel estratégico nesse projeto, já que ela é usada como veículo de transmissão do livre mercado central e da livre iniciativa, cuja a preocupação central é preparar o trabalhador para lidar com a competição tecnológica e garantir os lucros empresariais.

Desta forma, as questões políticas e sociais que envolvem os muitos projetos de educação, como por exemplo a má distribuição de renda e suas conseqüências: o trabalho infantil, as exaustivas jornadas de trabalho, a imigração inter-regionais, o elitismo escolar; ou a desestruturação das rendas

municipais e estaduais de ensino, se transformam puramente em questões técnicas:

- Eficiência ou ineficiência dos métodos;
- Competência ou incompetência dos professores;
- Má gestão dos recursos públicos etc

OBS.: 1- Esse projeto neoliberal defendido pelo governo é apresentado como a solução para os problemas educacionais. No entanto, esse é um campo propício para o desenvolvimento do processo Malthusiano, em que os mais "competentes" sobrevivem e os outros são os "fracassados", excluídos, fadados a viverem subjugados e "conformados" na nova ordem social que se apresenta.

Enfim, a culpa do caos na educação está sempre em outros, num jogo de empurra-empurra que parece infinito e circular, o presidente culpa os governadores; os governadores culpam os prefeitos; os prefeitos culpam os professores; os professores culpam os alunos que culpam o governo...

"Dado um tal diagnóstico é natural que se prescrevam soluções que lhe correspondam. Tudo se reduz, nessa solução, a uma questão de melhor gestão e administração e de reforma de métodos de ensino e conteúdos curriculares inadequados.(...)"

(SILVA, T. Tadeu, 1996, p. 107)

É difícil não concordar com o diagnóstico desse caos. Afinal essa é a realidade com a qual temos que conviver, principalmente na escola pública. Não podemos negar que ela está precisando de qualidade, entretanto, não concordamos que o caos na educação esteja simplesmente na má gestão, em métodos ineficientes ou em currículos inadequados. É verdade de que a escola não dispõe de recursos que deveria ter; que a qualificação dos professores é mínima; que os currículos são artificiais e muito distante da vivência cotidiana dos alunos.

Mas a questão fundamental que precisa ser enfrentada é a ausência de um debate nas escolas envolvendo diretores, professores e alunos sobre a

questão do currículo e as várias propostas de educação que estão em pauta atualmente no Brasil. Um debate que possa discutir o papel da escola na sociedade, onde a própria escola proponha alternativas para superar esse caos.

2-Um outro projeto em pauta nesse debate sobre a importância da escola e de sua urgente reformulação, parte da necessidade de desenvolver a cidadania entendida como a formação do cidadão autônomo, participativo e consciente dos problemas sociais e dos problemas da escola e por isso com condições de propor melhoria, principalmente, da qualidade de vida e conseqüentemente da qualidade do ensino.

Essa proposta tem levado os educadores a formular projetos educacionais e curriculares contrários aqueles que reforcem as desigualdades sociais. Não podemos negar que vivemos numa sociedade múltipla e diversificada, mas o reconhecimento dessa multiplicidade e diversidade não deve ser justificada para manutenção dos privilégios de poucos e subordinação da grande maioria.

Essa postura tem tentado discutir quais são as implicações do currículo na educação, levando em consideração os movimentos sociais e suas diferenças, com o objetivo de problematizar como está organizado o conhecimento escolar. Sobre esse aspecto, destacamos a opinião de Tadeu da Silva:

“Nessa perspectiva, o currículo é visto como um artefato social e cultural. Isso significa que ele é colocado na moldura mais ampla de suas determinações sociais de sua história, de sua produção contextual”.

(SILVA, Tomaz Tadeu, 1996, p. 83)

Por isso, o currículo deve ser analisado como o lugar de produção e criação cultural que não se limita a transmitir uma cultura produzida num outro lugar e por outros indivíduos. Ele pode até ser direcionado por intenções oficiais de transmitir uma determinada cultura, mas o resultado nunca será o

esperado, porque essa transmissão se dá num contexto cultural onde se enfrentam diferentes e conflitantes concepções de vida social.

Mas é bom lembrarmos que o currículo depende da concepção de educação, de escola e também das necessidades de determinada sociedade num dado momento histórico. Atualmente o termo currículo é usado num sentido mais amplo que abrange a vida social e todo programa da escola inclusive as atividades extra-classe.

Portanto, "Considerando que o currículo é a soma das experiências vivida pelos alunos de uma escola, é fácil concluir que o planejamento do currículo é o planejamento dessas experiências".

(PILETI, Claudino, p. 53)

Nessa perspectiva, currículo é um complexo de ações pedagógicas que corporifica a escola.

Então para avaliar o currículo de uma escola, é necessário observar as vivências que existem dentro dela, como por exemplo a vivência dos alunos: como eles pensam, agem e se relacionam entre si e com os professores e educadores, ou seja, as relações na sala de aula e também fora dela.

CURRÍCULO X ESCOLA

Os 92 artigos da Nossa Lei de Diretrizes e Bases – LDB. de nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, sancionada pelo presidente da República Fernando Henrique Cardoso, determinou mudanças para o ensino brasileiro. Onde até o final do ano de 2007, todas essas mudanças deverão ter sido postas em prática em todo o território brasileiro, como bem afirma o artigo 87º. “É instituída a Década da Educação, a iniciar-se um ano a partir da publicação desta Lei”.

No artigo 4º inciso I – “ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;”

Embora a divulgação dessas mudanças seja para uma educação básica para todos, a estrutura da escola ainda não garante esse direito, pode até ser que na próxima década ela mude, mas por enquanto a escola continua como instituição seletiva e excludente, preocupada apenas com o domínio de um conjunto específico de habilidades e saberes, ou seja, seguindo regras ditadas por um conjunto de saber distante da realidade dos alunos.

No Brasil um terço da população é analfabeta. Pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar, porque não tiveram acesso a escola ou mesmo porque entraram na escola, foram discriminadas e dela se evadiram.

No entanto, para o governo o principal problema da educação da grande maioria dos professores que utilizam métodos atrasados e currículos inadequados e anacrônicos. Essa é a causa da repetência, do desestímulo dos alunos e da evasão escolar, segundo o governo. Mas não se fala dos baixos salários dos professores e nem das condições precárias em que trabalham, principalmente nas escolas públicas.

A solução governamental para a educação não é apenas a privatização, mas fazer a escola pública funcionar semelhante ao mercado, onde os pais são definidos como consumidores a mercê do livre mercado e da livre iniciativa para escolher a “melhor” escola para seus filhos.

Por isso, os professores e toda a comunidade deve discutir juntos as questões da educação, porque sabemos que o problema não se resume apenas a “competência” ou “incompetência” dos educadores, essa questão precisa e deve ser resolvida mas não é suficiente para garantir uma reformulação da educação no Brasil como propõe o governo.

E nas escolas como estão as discursões e informações sobre essas reformulações?

Infelizmente, o espaço de discursão e esclarecimento das dúvidas é inexistente. Essa constatação tem como base a prática de ensino, ou seja, o estágio supervisionado realizado na Escola Estadual de 1º e 2º graus Ademar Veloso da Silva, onde pouco se sabia a respeito das mudanças curriculares propostas pelo governo.

Apesar da importância dessas mudanças, observamos que a referida escola em momento algum abriu espaço para uma discursão mais ampla sobre o assunto.

Essa postura omissa por parte da direção da escola, evidencia uma antiga prática, em que os currículos prescritos pelos órgãos oficiais e enviados aos estabelecimentos de ensino, eram executados sem nenhuma avaliação ou questionamento. Porém, notamos que não mudou muita coisa com relação a esse aspecto.

O currículo por sua vez, pode até chegar na escola mais ou menos determinado, porém cabe a escola interpretar, implantar e por em prática esse currículo conforme suas necessidades, especialmente adaptando-os as situações concretas, selecionando as experiências que pudessem contribuir no sentido de atingir os objetivos da escola e conseqüentemente dos alunos e da comunidade como um todo.

Por isso, Regina Garcia discorda do modelo de Educação Neoliberal prestes a se instalar no Brasil, que só reforçaria a exclusão e o conformismo, anulando os objetivos da escola e dos alunos.

A idéia de Garcia é constituir uma escola includente e verdadeiramente com direito para todos sem restrições. Uma escola que leve o aluno a compreender a sua realidade, situar-se nela, interpreta-la e contribuir para sua transformação.

Mas para isso: "Há que se recuperar os vínculos coletivos, a solidariedade, o respeito pelo outro, a capacidade de se indignar e inconformar com as injustiças sociais".

(GARCIA, Regina, 1996, p. 168)

Portanto para se ter essa escola é preciso resgatar noções básicas de igualdade de direitos para todos sem exceção ou privilégios, uma escola verdadeiramente para todos.

CAPÍTULO II

Encontros e desencontros no ensino de História.

“O processo educativo não é transmissão, tampouco doação, mas participação numa situação concreta desafiadora, de onde brota significação para o educando”.

(T. R. Gildes)

Os métodos tradicionais de ensino de história, tem sido alvo de muitos debates e questionamentos no meio acadêmico atualmente. Mas o cotidiano decorrente na sala de aula, principalmente nas escolas de Ensino Médio e Fundamental, continua o mesmo de décadas passadas, ou seja, práticas e procedimentos que exigem apenas decorar lições de “cor e salteado” das datas e nomes dos personagens que um determinado grupo elegeu como o mais importante para a história.

O aluno por sua vez não consegue fazer ligação entre o que se estuda e a sua realidade. Por isso, reclamam tanto das aulas repetitivas e distantes de suas experiências cotidianas. Pois a escola rejeita e ignora a experiência dos alunos, além disso impõe a eles teorias sobre uma experiência que não é deles. A escola trata de temas que nada dizem aos alunos, silenciando questões do interesse deles.

Na sala de aula é quase sempre tudo igual. Alunos em silêncio, copiando o texto que o professor escreve no quadro de giz ou respondendo longos exercícios que não exigem nenhum raciocínio. Pois, o objetivo nesse caso é a memorização do conteúdo, limitando assim a produção do conhecimento e as possibilidades de reflexão dos alunos.

“O que importa decorar se a minhoca é hermafrodita?” Com essa questão da música “Estudo Errado” do Gabriel Pensador, podemos expressar bem o que o aluno sente nessa escola autoritária, como também é a sociedade da qual é parte. A professora fala e os alunos devem calar e ouvir; A direção fala, a professora cala; O MEC dita e a direção acata.

Por isso, falta a motivação para o estudo, se para tirar notas boas basta decorar a lição, então para que serve a escola na ótica dos alunos que perguntam:

“Estou aqui pra quê?

Pra aprender ou me acomodar, aceitar e obedecer?”

(Música Estudo Errado, Gabriel Pensador)

Os alunos não gostam. O professor não sabe o que fazer.

Por isso, a maioria dos alunos considera a história uma disciplina “decoreba”, desinteressante, desestimulante e sobretudo “chata”.

Um dos fatores de fundamental importância desses problemas nas aulas de história está relacionado com a prática do professor durante sua própria postura metodológica, no proceder de sua experiência profissional averso as mudanças, pois: “Inovações produzidas no conhecimento histórico que poderiam contribuir para oxigenar a prática docente, encontram uma barreira constituída, justamente, Por esse modelo, tradicionalmente aceito como sendo “a História”. (ROCHA, Ubiratam, 1996, p. 48)

Isso porque grande parte dos professores persistem numa postura conservadora tradicional, que se caracteriza pela transmissão de conteúdos apresentado ao aluno como verdades inquestionáveis, desvalorizando o saber do aluno bem como seus questionamentos.

Outro dia por exemplo, conversando com pessoas amigas, escutei de uma professora de história, uma historinha absurda, mais ou menos assim:

“Aquele menino interrompe tanto a aula, toda vez ele faz perguntas sem pé e sem cabeça. Imaginem vocês que outro dia ele queria a todo custo saber por que a gente estuda

história? Mandei ele calar-se, pois, estava atrapalhando a minha aula e eu tinha que terminar o conteúdo.”

É lamentável que fatos dessa natureza ainda existe nas nossas escolas. Onde professores de História não refletem sobre a valorização da disciplina, então que importância esse aluno dará a História? Certamente nenhuma, já que nem mesmo o professor tem em mente questões básicas que deveria orientar sua prática cotidiana, por exemplo. Para que serve a história e o que é história? O professor citado ainda não se deu conta que os tempos mudaram e as concepções de mundo também, inclusive as de história. Agora não se propõe um vínculo direto com o conteúdo a seu dado, o interessante é propor algo aos alunos.

No Estágio Supervisionado observou-se que alguns professores continuam com essa postura conservadora-tradicional. Baseando sua prática em colegas mais experientes, sem no entanto fazer uma reflexão a cerca as sua postura teórico-metodológica. Já que essa é a primeira tarefa do professor, segundo Rocha:

“Os professores de história, que por dever de ofício tem a função de compreender e explicar as trajetórias das sociedades humanas, terão uma grande contribuição a oferecer. A sua primeira tarefa será, no entanto, o desenvolvimento de reflexão sistemáticas sobre a sua própria prática.”

(ROCHA, Ubiratam, 1993, p. 48)

Por outro lado, há professores, poucos é verdade, capazes de perceber o sentido mais amplo de sua prática e, de explicitar suas escolhas. Mas, existe também aqueles que se apegam a última tendência da moda, sem observar se essa trará as respostas que procuram.

Muitas vezes, até mesmo o professor habituado a ministrar o mesmo assunto em diferentes turmas não percebe que a sua prática é apenas uma, entre outras alternativas possíveis. Pois, não se dá conta que as aulas de história envolvem inúmeras questões teóricas e ideológicas. Por isso, para eles dá aula de história é muito simples, basta repassar o conteúdo mecanicamente. Porém, essa

função de repassador de informações do professor não condiz mais com a realidade atual. Já que exige-se um educador capaz de fazer uma análise crítica da realidade, ter uma visão global, objetiva e coerente, frente as mudanças que permeiam a sociedade atual.

Mas é importante lembrarmos que a estrutura da escola, muitas vezes impedi a mudança, já que ela continua tradicional, como bem afirma SAVIANI:

“Os professores tem na cabeça o movimento e os princípios da escola nova. A realidade porém, não oferece aos professores condições para instaurar a escola nova, porque a realidade em que atuam é tradicional.”

(SAVIANI, 1981, p. 65)

Porém o desafio para o professor nos dias atuais é justamente vencer o desinteresse e a apatia que permeiam as aulas de história. Buscando práticas e procedimentos que estimulem e incentivem o desejo dos alunos pela disciplina, tornando o ensino significativo para o aluno, colocando-o dentro da história e dar-lhes condições para exercer sua cidadania.

Devemos clamar por um novo ensino de história, como bem afirma CRUZ:

“Portanto, assim como Brandel clamava por uma nova história, nós, professores de história, clamamos por um novo ensino de história, que consiga trazer à escola riqueza das novas concepções de produção do conhecimento histórico e de ensino/aprendizagem”.

(CRUZ, Marília Beatriz Azevedo, 1996, p. 75)

Para vencer esse desafio não basta, uma mudança nos livros didáticos ou no currículo, mas uma mudança de postura diante do ensino de história. Sobretudo no que a disciplina história pode dar como contribuição ao desenvolvimento dos alunos como sujeitos participantes da história, capaz de entendê-la como conhecimento, prática e experiência. Vejamos o que afirma Cruz a esse respeito:

“Há muito chama-se por um ensino possibilitador de uma verdadeira aprendizagem produtor de pessoas mais criativas, mais críticas, mais capazes de autonomia intelectual. Trata-se essencialmente, de uma questão de mudança de mentalidade de aceitação do novo e de todas as suas conseqüências. (...)”

(CRUZ, Marília B. 1996, p. 75)

Portanto os professores, principalmente da área de humanas é de fundamental importância, já que contribuem para os alunos perceberem-se como sujeitos da história.

Vejamos o que afirma Rocha sobre esse aspecto:

“Os professores com formação humana, como os de história, podem dar uma grande contribuição para a organização da escola, na medida em que possuam instrumentos eficazes de leitura da realidade social.”

(ROCHA, 1996, p. 54)

O importante no ensino de história, não é apenas relatar fatos passados ou enumerar acontecimentos e datas, mas sim, mostrar que em cada momento os homens estão produzindo uma realidade cultural. Para os alunos compreenderem as diferentes maneiras pelos quais o homem se relaciona social, econômico e politicamente. Portanto a realidade é produzida pela força dos homens, pela vontade e sobretudo pelas concepções de vida e de mundo que o homem tem de cada época.

Entretanto, sabemos que através da escola não reformularemos a sociedade, mas é na escola onde podemos dar exemplos que incorporados à conquista social se transformem num primeiro passo para a sociedade reavaliar-se.

Sabemos que motivar os alunos não é tarefa fácil. Muitas vezes o próprio professor não sente motivações para ensinar, e os alunos percebem essa desmotivação e, apesar das técnicas e dos métodos de ensino utilizados os alunos não demonstram nenhum interesse pela disciplina.

Há um aspecto a ser levado em consideração, é que grande parte dos comportamentos e das atitudes dos alunos é provocada pelo comportamento e pelas atitudes do professor. Por isso o professor deve estar sempre aberto para o diálogo, para as mudanças e sobretudo estar convencido do valor de seu trabalho, não deixar que o desânimo e apatia tome conta do seu ser, que tudo é difícil e impossível porque "Ai de nós, educadores, se deixarmos de sonhar sonhos possíveis." (Paulo Freire)

CAPÍTULO III

Experiência na prática de Ensino.

“Ser mestre não é resolver tudo com afirmações, nem dar lições para que outros aprendam...

Seu mestre é verdadeiramente ser discípulo” (Kierkegaard)

A Prática de Ensino é o primeiro momento que os alunos concluintes da Licenciatura, dispõe para avaliar os conhecimentos e habilidades acumuladas ao longo do curso. É nesse momento que conseguimos compreender a ligação entre a teoria e a prática, pois uma depende da outra para eficácia do nosso trabalho.

A prática de ensino desenvolvida no período 98.2 apresentou alguns aspectos que desencadearam uma série de dificuldades.

A proposta inicial era a execução de um mini-curso em cinco módulos cujo o tema era: “Brasil-República, construções sociais de uma nação.” Previsto para se realizar no período de 02 de fevereiro à 10 de março de 1999. A empolgação era geral entre o professor da prática, os orientadores e os alunos, por tratar-se de uma prática de uma inovação e um desafio para todos.

Mas apesar do empenho de professores e alunos, a proposta foi inviabilizada, impossibilitado de realizar-se principalmente pela falta de inscritos.

Restou uma única alternativa para o momento: a realização do estágio supervisionado numa escola, conforme os períodos anteriores. No entanto, esse encaminhamento tinha suas especificidades e peculiaridades tais como: o calendário escolar da Universidade não coincida com os das escolas estaduais. Isso porque a greve dos professores universitários retardou o início do semestre 98.2. Enquanto na Universidade as aulas seguiam normalmente, as escolas de Ensino Médio e Fundamental estavam num período de férias.

Um outro problema assustava alunos e professores da Prática de Ensino, era a cogitação de uma possível paralisação dos professores estaduais, logo na primeira semana de aula.

E o tempo passava, a apreensão era geral já que o semestre estava praticamente na metade, precisamos urgentemente iniciarmos nossas atitudes do Estágio Supervisionado para concluirmos o semestre e conseqüentemente o curso.

Finalmente resolveu-se o impasse. O Estágio realiza-se na Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira.

Solucionando a primeira parte do trabalho a escolha da escola, partimos em busca de fazer os acordos necessários, para iniciar as aulas.

O nosso primeiro contato na escola foi com a Diretora que deu a "permissão" para a realização do estágio. Entretanto, sugeriu para a nossa orientadora uma relação mais direta entre a Universidade e a Escola. Com toda razão, pois os alunos concluintes da licenciatura caem de para-quedas na escola e logo batem em retirada, só no próximo semestre aparecem uma outra turma e assim sucessivamente. Nesse aspecto fica um trabalho artificial e fragmentado. Sentimos que é grande a dificuldade de entrosamento entre alguns professores regentes e os alunos estagiários, cria-se um abismo entre eles. Portanto se a Universidade se preocupasse em criar um vínculo direto e permanente com a escola esse trabalho seria mais proveitoso para ambas as partes.

Além disso a diretora relatou alguns problemas da escola entre eles: o grande número de alunos no período da matrícula, mas no decorrer do ano deixam a escola sem concluir o ano letivo. A preocupação com a greve, onde ela afirmava que não interferia na decisão dos professores, mas se preocupava com os alunos que ficariam sem aula.

E para felicidade de todos, a paralisação na referida escola não aconteceu.

O segundo contato foi com o professor regente da disciplina de História, para definirmos as turmas à serem trabalhadas, decidimos ficar com a 8º série e o 1º ano do ensino Médio.

No encontro com o professor, constatou-se a desinformação deste com relação ao planejamento do conteúdo, que encontravam-se desarticulados das mudanças inseridas no currículo escolar de acordo com o regime seriado.

Mesmo com essas dificuldades a prática fluiu de forma que as impossibilidades e dificuldades serviram para enriquecer as nossas experiências enquanto professor-historiador.

O momento da prática foi belo, mágico e sobretudo difícil, mas como diz Drummond:

“...Mas tudo quanto é belo
é tão difícil quanto raro”.

A OBSERVAÇÃO

O primeiro compromisso do Estágio Supervisionado seria a observação, mas diante da negativa do professor regente em ser observado, decidimos iniciar o planejamento de outra forma, ou seja, a partir do conhecimento prévio da escola de 1º e 2º graus. Nesse aspecto, notamos que o professor regente não delimitou nenhum objetivo a ser atingido pelo estagiário, apenas comunicou o assunto das aulas. No 1º ano do ensino Médio era Brasil Colônia, mas após a primeira aula que ministrávamos cujo o título foi "O Encontro", soubemos que em virtude das mudanças curriculares o assunto havia mudado para Introdução ao Estudo da História. Enquanto que para a 8º série, o assunto inicial era a Revolução Russa, pois segundo o professor regente deveríamos seguir o livro didático adotado pela escola, mas vale salientar que os livros se encontram na escola, embora a mesma ainda não tinha feito o repasse para os alunos e desta forma optamos trabalhar com textos datilografados. A nossa opção para a 8º série foi fazer uma breve apresentação do século XX para só depois introduzir a Revolução Russa.

Apesar da negativa do professor em ser observado, mesmo assim percebemos o funcionamento da escola: a falta de planejamento, o grande número de alunos, a flexibilidade do horário que mudava todo dia, a má conservação do prédio etc.

O PLANEJAMENTO

O planejamento é a seqüência de tudo o que vai ser desenvolvido, ele serve para orientar o professor e conseqüentemente evitar a improvisação e a rotina.

Mas nessa escola nem mesmo o planejamento de ensino parecia não haver, nem mesmo o horário das aulas estava definido. A cada dia que chegávamos para ministrar aula o horário tinha mudado.

Mesmo assim, procuramos planejar as nossas aulas passo a passo com a Orientadora professora Socorro Rangel. O planejamento era feito e refeito na medida do possível, onde as escolhas, os procedimentos, os recursos enfim, todo o conjunto de práticas pedagógicas eram discutidas e avaliadas com a mesma, que sempre procurava ajudar nos mínimos detalhes, como por exemplo, corrigindo os textos, os cartazes, os painéis e dando sugestões e opiniões.

Optamos juntas por trabalhar com história das mentalidades, a partir do Delemeau, enfocando o medo generalizado que rondava as pessoas no século XIV e XV e assim entendeu o empreendimento das grandes navegações e a chegada dos portugueses ao Brasil. O título da aula foi "O Encontro" cujo objetivo era estudar como viviam e pensavam os europeus na época dos descobrimentos.

Os recursos utilizados nessa aula foram álbum seriado, mapas e fragmentos de provérbios populares da época. Os alunos se mostram super interessados na aula, pois era uma aula dinâmica e diferente das habituais.

Para as aulas seguintes resolvemos preparar dois textos, um para cada aula respectivamente. O primeiro: História: Noções e significados, que discutimos o que é História; o significado da palavra HISTÓRIA; a periodização histórica. Essa aula foi completada com cartazes e um gráfico do calendário cristão.

O segundo texto era: "As fontes e os problemas históricos"; procuramos discutir o papel dos historiadores; os documentos históricos e a historiografia.

Enquanto que para o primeiro grau a referência era seguir o livro* didático, mas do Brasil e História Geral, trazia informações fragmentadas ou mesmo genéricas como por exemplo:

“Formulados por intelectuais no século XIX, o pensamento socialista teve uma grande aceitação nos meios operários”. (Martins, p. 11)

Desta forma o livro trabalha com vários conceitos e algumas informações muito resumida que necessita de uma leitura complementar para auxiliar ou facilitar a compreensão dos alunos.

Como entendemos que o livro didático não deve ser seguido fielmente, mas apenas como orientador do conteúdo, escolhemos trabalhar com um historiador inglês chamado Eric Hobsbawm, e a idéia do “Breve século XX” e assim introduzir assuntos como a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa, por exemplo.

Trabalhamos com essa idéia do “Breve Século XX”, para mostrar aos alunos um panorama geral do século XX, onde o citado historiador usa o marco da Primeira Guerra Mundial como o início do século e a queda do Muro de Berlim o final.

Utilizamos como recursos nas aulas: mapas, textos, painel montado no decorrer da aula, além de gravuras e cartazes.

*História: 8º série / Martins.

A AVALIAÇÃO

Uma das dificuldades desse Estágio Supervisionado foi o pouco tempo que nos restava para concluirmos as atividades. Visto que o semestre letivo estava praticamente na metade exigindo-se um aceleração das atividades. Então o número de aulas para cada série se reduziu a seis horas/aula. Para concluirmos o nosso trabalho fazia-se necessário uma avaliação.

Na 8º série a avaliação foi um resumo do texto sobre a Primeira Guerra Mundial. Enquanto que para o 1º ano do Ensino Fundamental foi uma prova escrita com quatro questões; ver anexo. Um dos aspectos problemático nessa série foi a superlotação da sala no dia da prova, alguns alunos que não assistiram as aulas anteriores nesse dia estavam todos presente. Devido a esse aspecto a prova que tinha sido planejada para ser resolvida individualmente teve que ser em dupla.

Para a maioria dos alunos a Avaliação é um momento angustiante, que causa medo, ansiedade e nervosismo. Enquanto que para o professor é o momento de saber se os seus objetivos foram alcançados ou não. A partir dos resultados, o professor percebe a eficácia do trabalho realizado, podendo então aprimorar o ensino e a aprendizagem, bem como o planejamento e o desenvolvimento curricular. Por isso, a avaliação deve ser um processo contínuo de pesquisas que visa interpretar os conhecimentos, habilidades e atitudes dos alunos para verificar até que ponto os objetivos estão alcançados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso Estágio Supervisionado foi um momento de reflexão sobre a nossa prática pedagógica. Embora tenha sido recheado de dificuldades, ansiedades e expectativas acumulamos experiências que com certeza orientará nossa vida profissional.

O desafio de vencer foi maior que o medo, onde a motivação, o incentivo e encorajamento recebido dos colegas do curso - difícil enumerou todos nesse espaço - da amiga e orientadora Socorro Rangel, do professor da prática de ensino, sempre alegre e brincalhão, Alarcon Agra, nos enchia de força todas as vezes que pensávamos em fraquejar ou desistir.

Por isso, a experiência foi proveitosa apesar de tudo:

“Porque tudo vale a pena se a alma não é pequena”. (Fernando Pessoa)

Para concluirmos esse breve trabalho faremos referência a crítica feita pelo filósofo alemão do século passado, Frederico Nietzsche sobre a civilização Ocidental, que educa os homens para desenvolver apenas o instinto da tartaruga. Animal que diante do perigo, da surpresa, do novo recolhe a cabeça para dentro de sua casca para proteger-se do desconhecido. Ao invés de desenvolver o espírito de águia, animal que voa acima das montanhas, que desenvolve seus sentidos e habilidades, que aguça ouvidos, olhos e coragem para ultrapassar os perigos.

Desta forma nós docentes não devemos desenvolver o espírito de tartaruga, recolher-se para dentro de si mesmo, e conseqüentemente nada ver, nada sentir, nada ouvir, nada ameaçar. E ser invadido pelo medo, pela covardia e pela acomodação, pois isso não leva a lugar nenhum.

Devemos sim brigar, lutar e inovar para sair desse conformismo e desenvolver o instinto da águia. Ser capaz de ousar e desafiar o novo, é uma das metas que o professor deve ter sempre em mente.

Ensinar aos nossos alunos que eles não precisam se esconder diante das ameaças, que devem e podem voar, ser críticos e conhecedores da realidade na qual estão inseridos.

Por isso, devemos motivar os nossos alunos para desenvolver o espírito da águia. Porque como citamos no capítulo II, grande parte dos comportamentos e das atitudes dos alunos é provocada pelo comportamento e atitudes do professor. Pois muitas vezes o professor conhece teorias e técnicas e ele próprio não está motivado para ensinar, é essencial ele se dedicar ao fazer muito mais que palavras.

É verdade que ainda estamos todos muito impregnados pelo espírito de tartaruga, mas devemos e podemos aos poucos sair da casca e enfrentar o mundo e suas mudanças nesse final de milênio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Maria de Fátima Ramos de. Saber e Prazer no Ensino de História. In. Cadernos de História, 1991.

- AQUINO, Santos Leão de . E outros História das Sociedades: das comunidades primitivas às Sociedades Medievais. Ed. ao Livro Técnico – Rj. 1980.

- BARRACLOUGH, Geoffrey. Introdução à História Contemporânea, 5ª edição, Zahor Editores, Rio de Janeiro, 1983.

- CARR, E. H. A Revolução de Lênin a Stalin (1917-1929), Do Trinity College, Cambridge, Tradução Waltensir Dutra, Zahor Editores, Rio De Janeiro, 1981.

- CRUZ, Marília Beatriz Azevedo. O Ensino no Contexto das Transições Paradigmáticas da História e da Educação. In. NIKITIUK, Sônia L. (org.) Repensando o Ensino de História. São Paulo: Cortez, 1996.

- DELEMEAU, J. "A Onipresença do Medo." In. A História do medo no Ocidente, São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

- GARCIA, Regina Leite. A Educação Escolar na Virada do Século. In. COSTA, Marisa Vorraber, Escolha Básica na Virada do Século: Cultura, Política e Educação, São Paulo: Cortez, 1996.

- HOBBSBAWM, Eric. A Era dos Extremos, O Breve Século XX (1914-1991) São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

- . In. A Era dos Impérios (1875-1914), 3º edição, São Paulo, Paz e Terra, 1992.
- LOPEZ, Luiz Roberto. História do Século XX, Porto Alegre, Mercado, 1985.
- MOTA, Carlos Guilherme. História da Civilização. O Mundo Antigo e Medieval
- PILLETI, Claudino. Didática Geral, São Paulo: ed. Ática, 1989.
- ROCHA, Ubiratam. Reconstruindo a História através do imaginário do aluno. In. NIKITIUK, Sônia L. (org.) Repensando o ensino de História, São Paulo: Cortez, 1996.
- RODRIGUES, Neidson. Lições do princípio e outras lições, 15º edição, São Paulo: Cortez, 1993.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A Nossa direita e as transformações na sociedade e na educação. In. Identidades terminais, As transformações na Política da pedagogia e na pedagogia da política, Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. In. Os novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pós-moderna, Petrópolis, 1995.
- THOMSON, David. Pequena História do Mundo Contemporâneo, (1914-1961). Tradução de J. C. Teixeira, 2º edição. Rio de Janeiro: Zahor editores, 1967.

- VARELA, Júlia. O Estado do saber pedagógico. In. SILVA, Tomaz Tadeu (org.) O Sujeito da Educação – estudos Foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Currículo e História: Uma conexão radical. In. COSTA, Marisa Vorraber (org.) O Currículo e os limiares do Contemporâneo, Rio de Janeiro: DP E A, 1998.

ANEXOS

Escola Estadual de 1º e 2º graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina: História

Coordenador da Prática de Ensino: Alarcon Agra do Ó

Orientadora: Socorro Rangel

Professora: Estagiária: Maria José da Silva

(UFPB – CAMPUS II)

PLANO DE AULA

Campina Grande

Escola Estadual de 1º e 2º graus Ademar Veloso da Silveira

Orientadora: Maria do Socorro Rangel

Professora Estagiária: Maria José da Silva

Série: 1º ano / Turma: B

Plano de Aula (nº 1)

•Tema:

"O Encontro": O Empreendimento das grandes navegações

•Objetivos:

Entender como viviam e pensavam os europeus nos séculos XIV e XV e a partir desse estudo problematizar o empreendimento das grandes navegações.

•Conteúdo:

A mentalidade do europeu moderno numa época marcada pelo medo:

-Medo do Mar;

-Medo do conhecido e do desconhecido;

-Medo do milenarismo e do Juízo Final

O empreendimento das Grandes Navegações: A superação dos medos e a construção de um novo lugar.

•Metodologia:

Aula expositivo-dialogada;

Utilização de álbum seriado com fragmentos dos discursos de Medo e Esperança dos europeus modernos (ditos, provérbios, fotos);

E mapas.

•Avaliação:

Redação pautada na seguinte questão:

"De todos os medos, o medo do mar foi o mais presente para homens dos século XIV e XV. Descreva este medo relacionando-o com os descobrimentos.

•Bibliografia:

Textos de referência:

-"A promoção do Ocidente" in. DELEMEAU, J. A Civilização do Renascimento. (V.I) Editorial Estampada, Lisboa, 1984.

A Onipresença do medo. In. DELEMEAU, J. A História do medo no Ocidente, Companhia das Letras. S.P, 1989.

CONTRIN, Gilberto. História e Consciência do Brasil, 4º edição, 1993. ed. Saraiva, S.P

Escola Estadual de 1º e 2º graus Ademar Veloso Rangel

Orientadora da Prática: Maria do Socorro Rangel

Professora Estagiária: Maria José da Silveira

Série: 1º ano / Turma: B / Turno: noite

Plano de Aula (nº 2)

- Tema:

História: Noções e Significados

- Objetivos:

-Analisar como as nações e os significados da palavra História mudaram ao longo do tempo;

-Discutir a elaboração do calendário e a periodização histórica.

- Conteúdo:

-O significado da palavra história;

-O tempo e a história;

-O calendário cristão;

-A periodização histórica.

- Metodologia:

-Aula expositivista-dialogada;

-Gráfico do calendário cristão;

-Distribuição de textos.

- Avaliação:

Exercício em quadrinho para trabalhar a periodização da História.

- Bibliografia:

-AQUINO, Santos Leão de. E outros. História das Sociedades: das comunidades primitivas as sociedades medievais, Ed. Ao Livro Técnico, R.J, 1980.

-MOTTA, Carlos Guilherme. História da Civilização. O mundo Antigo e Medieval. Ed. Ática, S.P, 1995.

Escola Estadual de 1º e 2º graus Ademar Veloso Silveira

Orientadora da Prática: Maria do Socorro Rangel

Professora Estagiária: Maria José da Silva

Série: 1º ano / Turma: B / Turno: noite

Plano de Aula (nº 3)

•Tema:

As fontes e os problemas históricos

•Objetivo:

Discutir a idéia de documento histórico como matéria-prima do saber do historiador e demonstrar como hoje esses documentos são vários.

•Conteúdo:

-As fontes e os problemas históricos;

-O que é documento;

-Classificação das fontes históricas;

-A historiografia.

•Metodologia:

-Aula expositiva com texto mimeografado;

-Quadro de giz.

•Avaliação:

Prova escrita.

•Bibliografia:

-AQUINO, Santos Leão de. E outros. História da Sociedade: das comunidades primitivas as sociedades medievais. Ed. Livro Técnico, R.J, 1980.

-CONTRIN, Gilberto. História e Consciência do Brasil, 4º edição, 1993, Ed. Saraiva. S.P

Escola Estadual de 1º e 2º graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina: História

Orientadora: Maria do Socorro Rangel

Professora Estagiária: Maria José da Silva

Série: 8º / Turma: A / Turno: noite

Plano de Aula (nº 1)

•Tema:

A Primeira guerra mundial

•Objetivos:

-Discutir a conjuntura mundial no período anterior e posterior a Primeira Guerra: as alianças políticas, as disputas por territórios e os conflitos gerais;

-Trabalhar as conseqüências da Primeira guerra Mundial na redefinição política e territorial da Europa.

•Conteúdos:

-A Europa antes da Primeira Guerra Mundial;

-As grandes descobertas do início do século XX;

-O Panorama do "Breve século XX";

-As conseqüências da guerra.

•Metodologia:

-Entrega do texto e leitura compreensiva;

-Roteiro de aula;

Quadro com um panorama geral do século XX – acontecimentos marcantes.

•Recursos didáticos:

-Quadro e giz;

-Texto mimeografado;

-Fotografias com as principais descobertas do início do século XX;

-Mapas.

•Avaliação:

Exercício com a utilização de mapas.

•Bibliografia:

LOPEZ, Luiz Roberto. História do século XX, 2ª edição, Porto Alegre, Mercado, 1985.

HOBBSBAWM, Eric. "Da paz a Guerra". In: A Era dos Impérios. R.J. Paz e Terra, 1988.

----- . A Era dos Extremos, O breve século XX (1914-1991), São Paulo: Companhia de Letras, 1995.

Escola Estadual de 1º e 2º graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina: História

Orientadora: Maria do Socorro Rangel

Professora Estagiária: Maria José da Silva

Série: 8º / Turma: A / Turno: noite

Plano de Aula (nº 2)

•Tema:

A Revolução Russa

•Objetivos:

Identificar os pontos que levaram a desestruturação do Império Russo e a implantação do primeiro estado socialista na Rússia.

•Conteúdos:

- Um país agrário e dependente;
- A Rússia na Primeira Guerra Mundial;
- A Revolução de outubro de 1917;
- Consequências da Revolução.

•Metodologia:

- Entrega do texto mimeografado;
- Exposição dialogada da aula.

•Recursos:

- Quadro e giz;
- Texto mimeografado;
- Trabalhando com o código de cores em quadrinhos de cartolina trechos do assunto abordado.

•Avaliação:

Produção de resumo do texto: "A Revolução Russa".

•Bibliografia:

HOBBSAWM, Eric. A Era dos Extremos, O Breve Século XX (1914-1991),
Companhia das Letras, S.P, 1995.

LOPEZ, Luiz Roberto. História do Século XX, 2º edição, Porto Alegre,
Mercado, 1985.

CARR, E. H. A Revolução Russa de Lênin a Stalin, (1917-1929). Do Trinity
College, Cambridge. Tradução Walternsira Dutra, Zahor editores, R.J,
1981.

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina:

Professor(a):

Turma:

Turno:

Série:

Aluno(a):

TEXTO 1.

As Fontes e os Problemas Históricos

O historiador utiliza como matéria-prima , documentos históricos para exercer o seu ofício. Atualmente a história conta com várias formas de documentos escritos e também não escritos: rádio, cinema, televisão, bem como os diversos recursos de gravação e reprodução em massa dos registros(filmes, discos, fitas).

O trabalho crítico do historiador sobre o documento é uma etapa fundamental do método que utiliza para indagar e finalmente compreender o seu objeto de estudo. O historiador, porém, não se apropria do seu objeto de estudo diretamente, ele o faz através de vestígios ou registros concretos da ação humana que constituem, por isso as fontes para os estudos da história.

Para construir o quadro geral da sociedade o historiador dependerá sempre de informações fatos a que não assistiu; diferente do romancista que inventa seus personagens e inventa acontecimentos.

De todo modo, a imensa matéria-prima da história só adquire a forma de conhecimento quando elaborada pelo historiador. E ele a seleciona, organiza, analisa e interpreta criticamente à partir de pressupostos teóricos que constituem antes de tudo, a sua concepção de história.

A concepção que restringe os fatos aos "grandes acontecimentos" praticados pelos "grandes homens", que marcaram e modificaram a história; deu lugar a definição do fato como toda e qualquer ação praticada pelo conjunto dos homens na sua tarefa comum de construção do processo histórico.

O estudo da história pode ser entendido, portanto, como a relação entre o historiador e os fatos, resultando não na mera repetição descritiva “daquilo” que aconteceu, mas na produção do novo, ou seja, o conhecimento histórico. É importante ficar claro que não existem verdades absolutas nos documentos: a História se faz com a interpretação sobre os documentos e conseqüentemente sobre os fatos.

Enfim o historiador, para atingir o seu objetivo precisará saber interrogar os documentos, para deles extrair dados explícitos e implícitos. E é evidente que o seu interrogatório seguirá um método segundo a teoria, que formulou sobre a realidade.

O QUE É UM DOCUMENTO?

Segundo Henri Morrou: “documento é tudo aquilo capaz de nos revelar qualquer informação sobre o passado do homem” (Aquino, 1980-pág. 42).

Para Besselaar: “todo e qualquer vestígio do passado, capaz de nos dar informações acerca de um fato ou acontecimento histórico.”

É nessa acepção que muitos historiadores empregam com o mesmo sentido os termos históricos: fonte, testemunho, vestígios e restos para designar os materiais que permitem a reconstituição do passado. Outros preferem utilizar a palavra documento para designar textos escritos e reservar o conceito de fonte histórica para todo o material utilizável na reconstrução da vida humana.

Hoje, a concepção de história é cada vez mais complexa e múltipla ampliando seu campo de estudo: estruturas sociais, os costumes, a política, a religião, as artes, a literatura, a mitologia; enfim todos os aspectos da vida humana.

CLASSIFICAÇÃO DAS FONTES HISTÓRICAS

1-Fontes escritas: são documentos e relatos escritos deixados pelos homens. Traços escritos em material variado (pedra, madeira, papiro, papel, etc.), geralmente intencionados. De acordo com a intencionalidade, as fontes escritas podem ser:

a)Fontes de arquivo: se a intenção for comprovar alguma coisa: todo documento redigido por uma pessoa pública ou investida, pela lei ou pelo costume de uma autoridade especial.

b)Fontes orais: são traços que tem a intenção de informar modos de vida, modos de pensar, modos de sentir, tradições de grupos sociais, etc.

2-História como ciência – a história científica do século XIX, ligada ao desenvolvimento das demais ciências sociais como a Sociologia e a Antropologia. Os representantes dessa tendência defendiam a idéia de que a história era ciência objetiva e o que lhe conferia o status de ciência era a sua fidelidade ao documento, ao próprio fato, sem interpretações que pudessem deixar passar a visão de mundo do historiador.

3-História total – fortemente ligada as ciências sociais e ao marxismo, procura ultrapassar a aparência imediata dos fatos a atingir as explicações mais profundas, tente captar os sentidos das mudanças, por isso privilegia as rupturas.

4-Nova história – movimento de oposição a história total, valoriza a história da cultura e do cotidiano dando ênfase a mentalidade e não mais a ideologia, sem se ocupar de buscar relações determinantes.

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina:

Turma:

Turno:

Série:

Aluno:

REVOLUÇÃO RUSSA

INTRODUÇÃO

O Breve século XX, segundo o historiador Eric Hobsbawn começa com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), um grande conflito motivado pela disputa de território e que envolve grandes potências da Europa e do mundo, e termina com outro conflito, a Guerra da Bósnia (1989-1992), guerra motivada por interesses políticos, étnicos e religiosos. Por isso, para Hobsbawn, o breve século XX inaugura um tempo de grandes mudanças.

Uma das mudanças marcantes desse "breve século" foi a Revolução Russa de 1917, que inaugurou a instalação do regime socialista na Rússia, que em 1918, com a redefinição dos territórios, após a 1ª Guerra, passou a ser URSS - União das Repúblicas Socialistas; uma ameaça ao regime capitalista.

Por isso a Revolução Russa foi também uma disputa de concepção de mundo, o mundo socialista na URSS e o mundo capitalista, dividindo o mundo em dois blocos: Socialistas e Capitalistas.

2-UM PAÍS AGRÁRIO E DEPENDENTE

A Rússia no final do século XIX e início do século XX era dona da maior extensão territorial da Europa, mas também era um país dependente, decadente e agrário. O índice populacional de 1860 oscilava em torno de 70 milhões de habitantes, e aumenta em 1897 para 113 milhões. Desses, 90% habitavam o campo.

Os Czares, título dado ao Imperador russo, governavam o império de forma absoluta e autoritária. Os opositores do regime eram perseguidos por um aparelho de repressão policial.

O desenvolvimento industrial na Rússia era lento, com relação ao restante da Europa, e necessitava constantemente dos investimentos estrangeiros, principalmente dos capitais franceses e ingleses. Entre 1880-1900, o governo do Czar Alexandre II estimulou um programa de industrialização tentando amenizar as crises de desemprego e da queda de produtividade agrícola. Esse programa beneficiou apenas as cidades centrais do país, por isso a condição de vida da população em geral não melhorou.

A fragilidade e a decadência do Império é exposta novamente no governo do Czar Nicolau II, que não conseguia conter a crise econômica, social e política da Rússia e entra numa guerra contra o Japão em 1904-1905, disputando território na China. O objetivo do Czar era ganhar o apoio interno junto a população russa, mais não conseguiu, já que a Rússia foi derrotada, aumentando ainda mais o descontentamento popular, que se manifestava através de greves e motins nas principais cidades. Em São Petesburgo, o exército do Czar atira contra os manifestantes que desejavam “conversar” com Nicolau II para amenizar os problemas sociais e cerca de mil pessoas foram mortas em 09 de janeiro de 1905. Esse episódio ficou conhecido como “O DOMINGO VERMELHO”, provocando então uma onda de levantes em todo o país, tanto no campo como nas cidades.

Decadente e pressionado pela oposição, o Czar cria o DUMA Legislativo (espécie de parlamento) em agosto de 1905, em outubro do mesmo ano é formado o conselho dos operários – OS SOVIETES.

3-A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL E A RÚSSIA

A entrada da Rússia na Primeira Guerra exigiu grandes esforços de um país que já era decadente. Cada vez mais a população passava por necessidades. A participação desastrosa da Rússia, com os soldados lutando em situação de abandono, mostrou a muitos que aquela não era uma guerra de nações e sim de objetivos imperialistas. Os soldados russos, mal armados e mal preparados, morriam aos milhares nas frentes de combate. Começaram discerções, desarticulando-se dessa maneira o braço armado do czarismo. Internamente os

operários faziam greves porque o povo não suportava mais o fardo da guerra e do regime autoritário do Czar.

Nesse clima as idéias socialistas divulgadas por Karl Marx e adotadas por Lênin, líder revolucionário russo, espalharam-se por todo o país, sobretudo nos meios operários, pois, defendiam o fim da exploração e igualdade entre todos os homens.

O PARTIDO SOCIAL DEMOCRATA (PSD) dividiu-se em duas tendências:

- a) OS BOLCHEVIQUES, que era a maioria dirigidos por Vladimir Ilitch Ulianov, popularmente conhecido como Lênin, seu objetivo era a derrubada violenta da monarquia, ou seja, pregavam a Revolução Radical.
- b) MENCHEVIQUES, a minoria, defendiam a revolução, mas através de um processo lento, sem luta armada.

Em março de 1917 eclodiu o movimento revolucionário em Petrogrado que teve o apoio das tropas do exército e até de setores mais moderados da sociedade. No mesmo mês Nicolau II abdicou. Os revolucionários, liderados por Kerenski formaram um governo republicano provisório que em pouco tempo já era apoiada pela burguesia e setores da aristocracia.

Lênin, por sua vez, ganhou expressão com o lema: "todo poder aos soviets." Pregava a paz com a Alemanha e a saída da Rússia da guerra; a distribuição de terra aos camponeses e a igualdade entre os homens.

A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO DE 1917

Lênin, orienta os Bolcheviques a conduzir a Revolução, com apoio das massas camponesas.

A Revolução de outubro triunfou, os Bolcheviques derrubaram o governo e implantaram o poder dos Sovietes; Lênin assumiu o poder no dia 07 de novembro e adotou uma série de medidas:

- As terras da aristocracia e da Igreja foram confiscadas;
- A propriedade privada foi abolida (terras, minas e fábricas agora eram de todos);

-O comércio e o sistema financeiro ficaram sobre o controle do Estado.

CONSEQUÊNCIAS DA REVOLUÇÃO RUSSA DE 1917

-A criação do Primeiro Estado Socialista, baseado nas doutrinas de Karl Marx;

-A nacionalização das terras e a administração das fábricas pelos operários;

-A Rússia passa a ser vista como uma ameaça para o restante da Europa.

No entanto a Revolução não conseguiu resolver de imediato os problemas sociais, a fome e a miséria continuaram atormentando a população russa.

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina:

Professor:

Turma: "B"

Turno:

Série: 1º ano

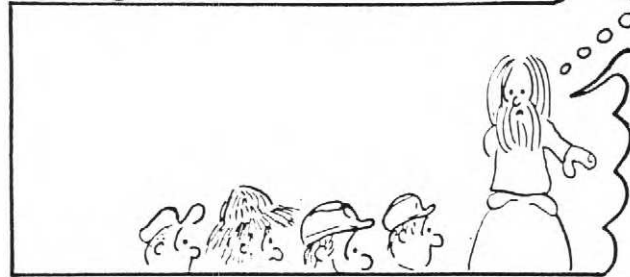
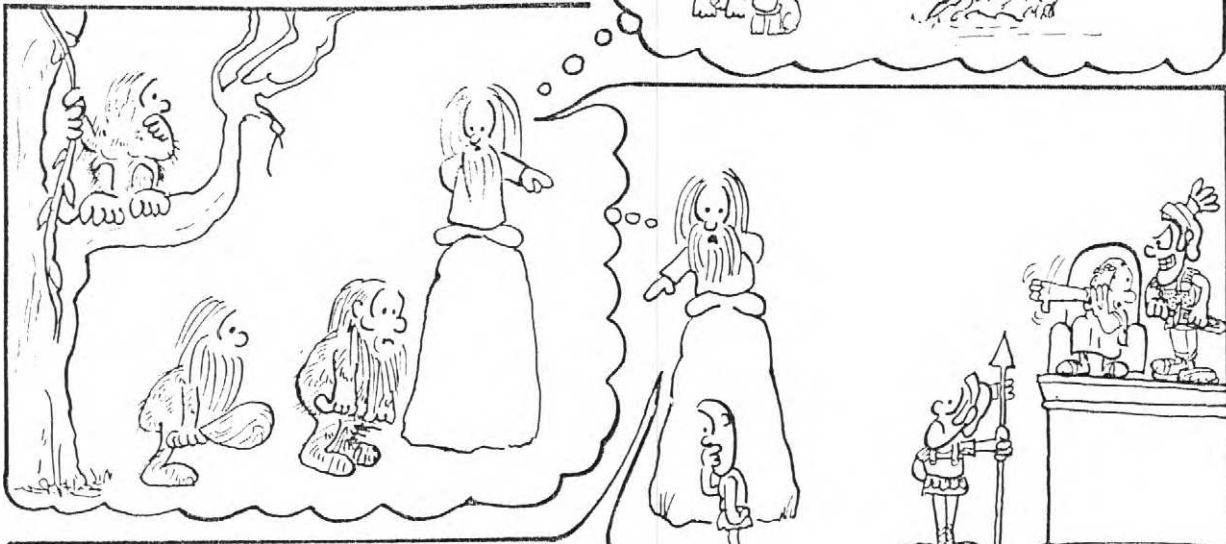
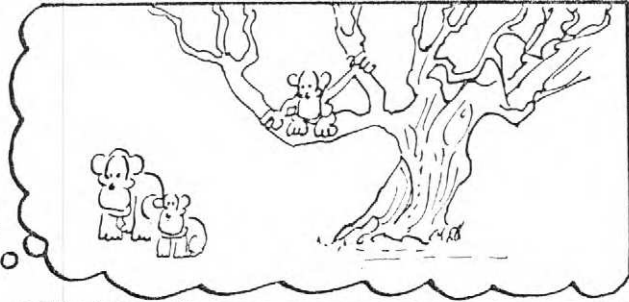
Aluno:

ATIVIDADE

De todos os medos, o medo do mar foi o mais temido pelos homens dos séculos XIV e XV.

Descreva sobre este medo relacionando-o com os descobrimentos.

"A HISTÓRIA É UM PROFETA COM O OLHAR VOLTADO PARA TRÁS:"



EDUARDO GALEANO



29 Homens e Império. O procônsul. (Sir Frederick, mais tarde Lord, Lugard, 1858-1945, ativo principalmente na África Ocidental. O inventor do "governo indireto" por meio de chefes indígenas).



30 Homens e Império. O rebelde. (Emiliano Zapata, 1877-1919, líder da revolução camponesa no México. Descrito no monumento em sua cidade natal como "o galo do sul").

Algumas Personalidades



31 Vladimir Ilyich Ulyanov (Lenin), 1870-1924, revolucionário russo. Provavelmente o homem com o maior impacto individual na história do século XX.



32 Friedrich (Wilhelm) Nietzsche, 1844-1900. Filósofo alemão e proleto da era da guerra, barbarismo e fascismo.



33 Albert Einstein, 1879-1955. Alemão, judeu, físico teórico. O maior cientista desde Newton.



34 Rosa Luxemburgo, 1871-1919. Líder socialista na Alemanha e no Império czarista (Polônia).



35 George Bernard Shaw, 1856-1950. Irlandês, dramaturgo, socialista.



36 Pablo Ruiz Picasso, 1881-1973. Espanhol, artista.



13 *À esquerda.* Ciência experimental. O professor Höntgen, descobridor dos raios-X (1895).

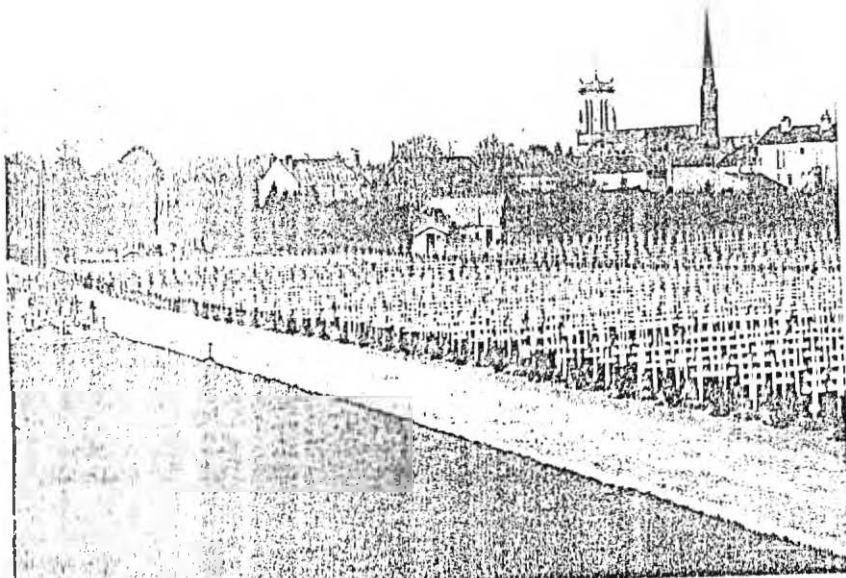
14 *Abaixo.* A bicicleta, engenho da liberação.



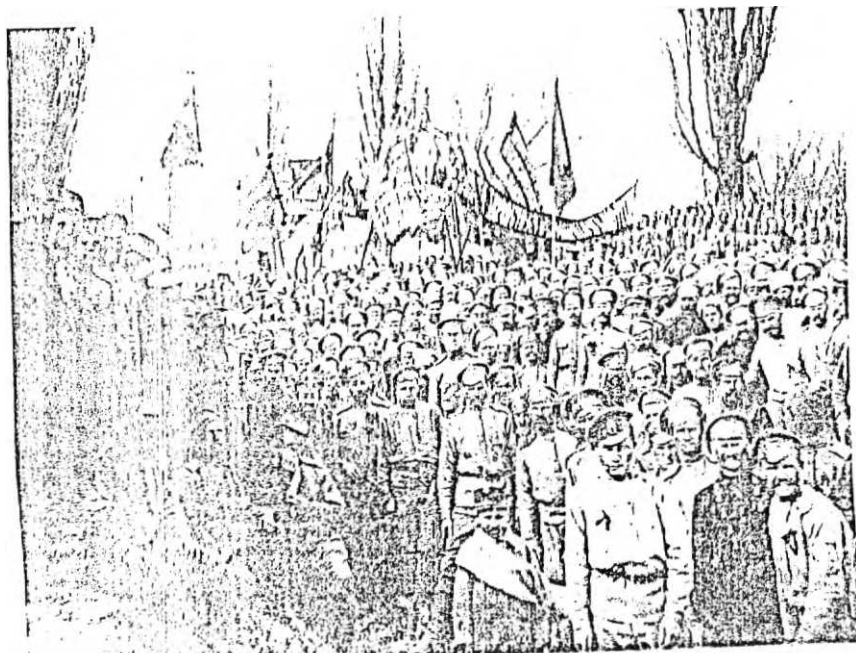
15 *Acima.* O telégrafo, transformador das comunicações. Uma central telefônica na França, tipicamente operada por mulheres.

16 *À direita.* A fotografia em todas as casas: a máquina fotográfica com filme fabricado em massa.





3. Os campos de massacre da França, vistos pelos sobreviventes: cemitério de guerra, Châlons-sur-Marne.

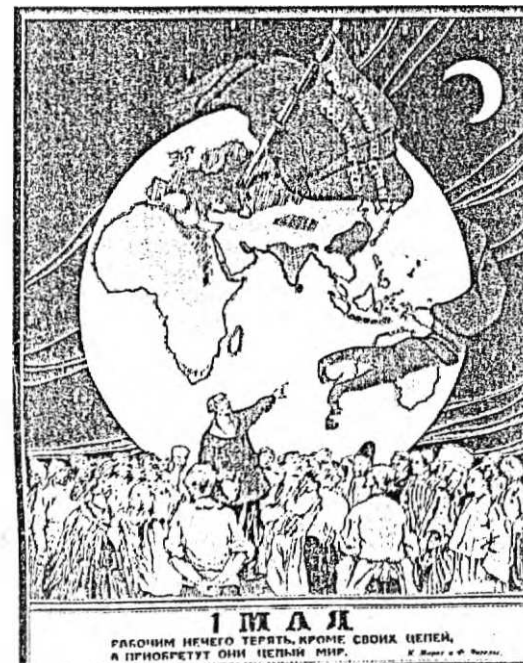


4. Trabalhadores com faixas revolucionárias ("Operários de todo o mundo, uni-vos!").

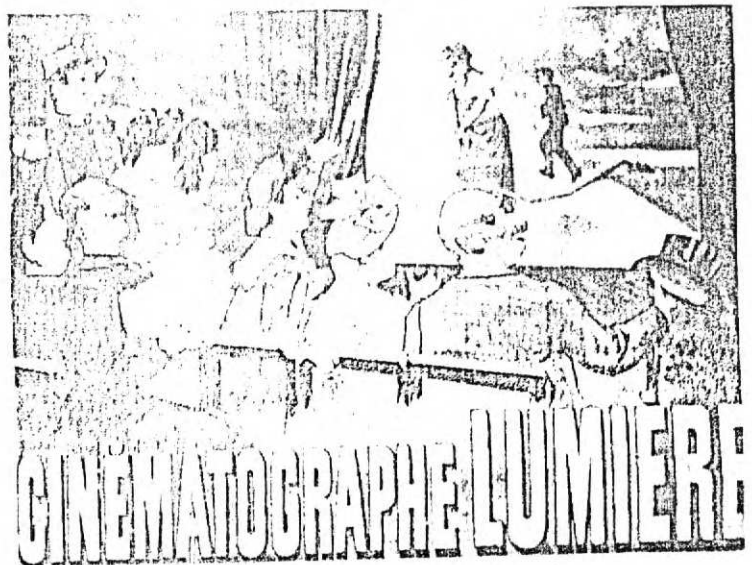


5. Revolução de Outubro: imagem de Lenin (o "grande líder do proletariado"). A faixa dos revolucionários diz "Todo poder aos soviets".

Российская Социалистическая Федеративная Советская Республика.



6. Revolução mundial, vista num cartaz do Dia do Trabalho soviético, c. 1920. A bandeira vermelha envolvendo o globo tem a inscrição "Operários de todo o mundo, uni-vos!".



17 Acima, à esquerda. O triunfo do filme: a imagem se move. Cartaz para um dos primeiros filmes, *O regador regado* (1896), de Lumière.

18 Abaixo, à esquerda. A reprodução mecânica do som, para casas de classe média.

His Master's Voice
 **INSTRUMENTS**

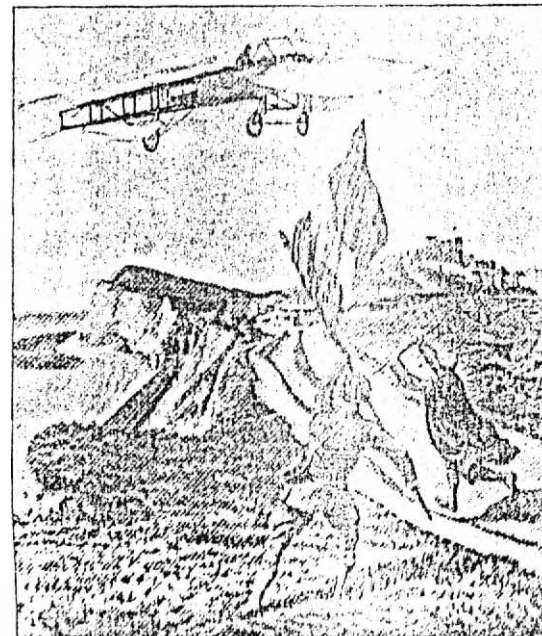
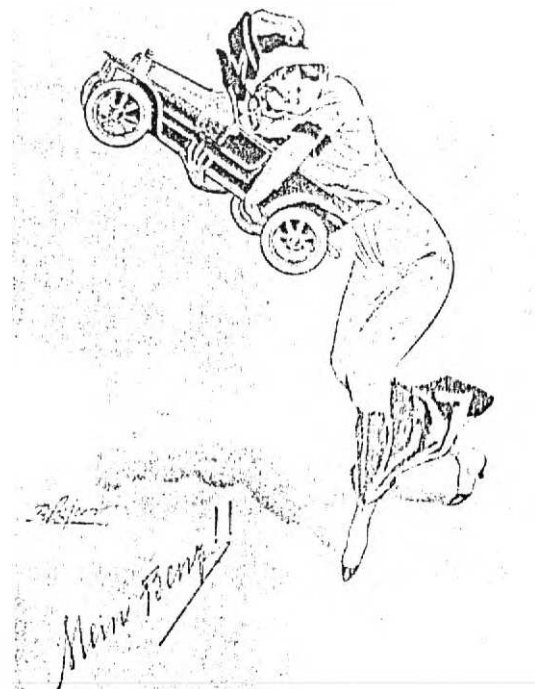
"Why is Daddy's Gramophone so different from mine" ?



The Gramophone and Gramophone Records Co. Ltd. 31, Abchurch Lane, London, E.C. 4.

19 Acima, à direita. O automóvel, fora dos EUA um monopólio dos muito ricos.

20 Abaixo, à direita. O aeroplano. Blériot aterrissa nos penhascos de Dover depois da primeira travessia do Canal, 1909.



LA TRAVERSÉE DU PAS-DE-CALAIS EN AVIATION

DIVISÃO POLÍTICA DA EUROPA ANTES DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL – 1914



DIVISÃO POLÍTICA DA EUROPA APÓS A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL – 1923



Lista de Presença

02/03/99

1:30 Noite

- 1) Geilane dos Santos Manca
- 2- Evelyn Aparecida Carneiro
- 3- Featão da Costa Araújo
- 4- ~~Luciano~~ Barbara Travençolo
- 5- Stênio Costa de Almeida
- 6- LEANDRO VIEIRA NEGREIROS
- 7- Silvan Alves Rodrigues
8. Kicanda da Silva Frazão
9. Edmilson Silva Oliveira
- 10- Tatiane Ferreira de Sousa
- 11- Alarcon Alfredo da Silva
- 12- Maria José Farias dos Santos
- 13- Luciano Monteiro da Silva
- 14- Silvana Maria dos Santos
- 15- Marcelo Santos da Silva
- 16- Maria do Carmo Gomes de Oliveira
- 17- Elisete de Brito Macedo
- 18- Joelson de Almeida
- 19- Flávia Araújo ou Farias
- 20- Alexandre dos Santos Fernandes
- 21- Demétrio Antunes Silva
- 22- ~~Adriana~~ ~~comunicado~~ de PRODUÇÃO
- 23- Abimael dos Santos Silva
- 24- Fabiano dos Santos Palmeira
- 25- ~~João~~ ~~diante~~ ~~da~~ ~~ma~~ ~~função~~
- 26- Kilda Regina Alves
- 27- Maria do Socorro Gomes de Almeida
- 28- Elmilda Barreto de Sousa
- 29- Juliana Maria Chales
- 30- Soraya Patrícia P. Farias

Participantes

15/03/2018
A noite Bombril

1. Francisco Gilson V. de Souza
2. Lucielide dos Santos Melo.
3. JONAS BORGES DE AQUINO
4. Andriá Gomes de Meruquenque
5. Thiago das Neves Silva
6. Ana Isabel Batista Macena.
7. Gillyana da Silva
8. Tassiano Silva Oliveira
9. João Rodrigues da Silva
10. Vanderlan Pereira
11. Edson Gonçalves da Costa
12. Rosicláudio de Sousa Rodrigues
13. Edinaldo Ribeiro Dias
14. Anderson Colhe Nascimento
15. Rueluge Rocha Pereira
16. Eduardo de Souza Souza
17. CÉSIO RICARDO DOS SANTOS TOMAZ
18. Rosilda da Silva Saturnino
19. Aukelene Pereira de Assis
20. Michelton Bueno Cruz Danton
21. Giovanniato Gomes de Brito
22. Anjiléide dos Santos Lima
23. Ana Paula Alves Rodrigues
24. MARIA ELISABANDA SILVA
25. Roberto Kelly da S. Cavalcante